

O ÚLTIMO SILÊNCIO

MAIS QUE UM ROMANCE POLICIAL

AMOSTRA



BEM-VINDO AO JOGO.
QUE A GEOMETRIA TENHA PIEDADE DE
SUA ALMA.

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

O ÚLTIMO SILÊNCIO - Mais que um Romance Policial.

Prefácio

Há crimes que desafiam a lógica e assassinatos que desafiam a própria natureza da realidade. Este não é apenas mais um romance policial - é uma exploração dos limites mais sombrios da mente humana, onde a genialidade se transforma em monstruosidade e a busca pela perfeição se torna uma sentença de morte.

Cada palavra aqui contida foi meticulosamente escolhida para criar não uma história, mas uma experiência. Você não vai apenas ler sobre um detetive perseguindo um assassino; você vai se tornar parte do jogo, vai sentir o frio da descoberta e o calor do perigo.

Esta é uma obra de ficção completa. Todos os personagens, eventos e locais são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com eventos factualmente ocorridos, é pura coincidência e completamente não intencional.

Agora, ajuste sua mente para pensar em linhas, ângulos e padrões. Porque o caos que você está prestes a testemunhar tem uma ordem terrível por trás. E essa ordem pode ser mais aterrorizante do que qualquer aleatoriedade.

Bem-vindo ao jogo. Que a geometria tenha piedade de sua alma.

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

Sumário

Parte 1: O Princípio do Fim

- Capítulo 1: A Geometria da Morte
- Capítulo 2: A Sombra do Passado
- Capítulo 3: A Linha no Mapa
- Capítulo 4: O Prisma da Verdade
- Capítulo 5: O Eco do Silêncio

Parte 2: O Desenho do Assassino

- Capítulo 6: O Segundo Ângulo
- Capítulo 7: A Sociedade dos Três Círculos
- Capítulo 8: O Algoritmo do Mal
- Capítulo 9: A Conexão Perdida
- Capítulo 10: O Jogo Começa

Parte 3: O Triângulo de Sangue

- Capítulo 11: O Vértice do Poder
- Capítulo 12: A Vítima que Sabia Demais
- Capítulo 13: O Espelho Quebrado
- Capítulo 14: O Código na Pedra
- Capítulo 15: A Corrida Contra o Relógio

Parte 4: A Quarta Dimensão

- Capítulo 16: O Refém do Geômetra
- Capítulo 17: O Labirinto de Espelhos
- Capítulo 18: A Armadilha Final

- Capítulo 19: O Sacrifício Calculado
- Capítulo 20: A Escolha Impossível

Parte 5: O Ponto de Convergência

- Capítulo 21: O Altar de Concreto
 - Capítulo 22: O Confronto dos Mestres
 - Capítulo 23: O Erro Perfeito
 - Capítulo 24: O Fim do Silêncio
 - Capítulo 25: O Novo Começo
-

PARTE 1: O PRINCÍPIO DO FIM

CAPÍTULO 1: A GEOMETRIA DA MORTE

O silêncio entrou primeiro, como um intruso invisível que precedia a visão. O detetive Kael Rennick parou no limiar do loft, sua mão ainda na maçaneta fria de aço escovado, e sentiu o vazio sonoro como uma pressão física nos tímpanos. Não era apenas ausência de ruído — era uma qualidade ativa de silêncio, como se o ar tivesse sido sugado e substituído por um material mais denso que abafava todo eco.

Ele respirou fundo, acionando o interruptor mental que separava o homem do analista. A transição era quase física: seus ombros relaxavam enquanto sua coluna se eretizava, os olhos que momentos antes refletiam o cansaço de uma jornada dupla agora se tornavam scanners vivos, famintos por dados.

O espaço era uma caverna moderna — 500 metros quadrados de concreto polido que refletiam de maneira imperfeita as luzes azuis e vermelhas das viaturas lá embaixo. Janelas do chão ao teto, de vidro duplo à prova de som, mostravam o distrito financeiro adormecido. Mas Kael não olhou para a vista. Seus olhos foram atraídos como por um ímã para o centro do vazio.

A cadeira parecia crescer do chão, como se o concreto tivesse dado à luz um objeto de ébano. Seus braços curvavam-se para cima em uma sugestão gótica de garras prestes a fechar. E nela, composto com uma precisão que beirava o obscuro, estava o homem.

"Jesus Cristo," sussurrou Lena Cross atrás dele. Sua voz, normalmente firme como aço temperado, tremia levemente.

Kael fez um gesto com a mão — silêncio. Avançou, seus passos cuidadosos ecoando de maneira anormal no vasto espaço. Cada sentido estava em alerta máximo: a visão mapeando ângulos e distâncias, a audição filtrando os ruídos da perícia que começava a entrar, o olfato captando o cheiro metálico do concreto úmido e algo mais doce, quase floral, que não combinava.

A vítima tinha a pose de uma escultura renascentista — sentado ereto mas não rígido, como se descansasse após um longo dia. Homem, quarenta e poucos anos, traços que falavam de gerações de boa criação. O terno era sob medida — Kael podia dizer pelo caimento perfeito nos ombros, pela maneira como o tecido de lã cinza-ardósia caía sem uma única ruga. Camisa branca imaculada, gravata de seda azul-marinho com um nó perfeito de quatro em mãos.

As mãos repousavam sobre os joelhos, palmas voltadas para cima em um gesto que poderia ser de oferenda ou rendição. Os dedos estavam levemente curvados, relaxados. A cabeça inclinava-se para a esquerda em um ângulo de exatamente quinze graus — Kael estimou sem precisar medir — como se o homem escutasse uma melodia que apenas ele podia ouvir.

E então o orifício.

Perfeito. Redondo como se desenhado com compasso. Localizado exatamente sobre o esterno, no ponto médio entre a clavícula e o início das costelas. A borda do tecido estava carbonizada em um círculo nítido — disparo à queima-roupa. Mas não havia sangue. Nenhum respingo no chão, nenhuma mancha no tecido impecável.

"Chamaram você especificamente, Kael," Lena disse, recuperando a voz profissional. Ela estava ao seu lado agora, seus olhos escaneando a cena com a meticulosidade que a tornara sua parceira ideal. "O capitão usou exatamente essas palavras: 'É um caso Rennick'."

Kael sabia o que isso significava. Nos corredores do Departamento de Polícia Metropolitana, "caso Rennick" era um termo não oficial para aqueles crimes que pareciam seguir uma lógica própria, que desafiavam os padrões normais de comportamento criminoso. Casos que tinham uma assinatura de inteligência pervertida, uma estética de violência.

Ele se aproximou mais, sem tocar em nada, seus olhos cinza — herdados de sua mãe, mas com a intensidade analítica de seu pai — registrando cada detalê.

Primeiro: posicionamento. A cadeira não estava simplesmente no meio da sala. Estava no ponto exato onde as diagonais do retângulo perfeito de 50x20 metros se cruzariam. Kael visualizou as linhas — do canto nordeste ao sudoeste, do noroeste ao sudeste — e viu que a cadeira ocupava a interseção com uma precisão perturbadora.

Segundo: orientação. O corpo estava voltado para 42 graus nordeste. Através da janela panorâmica, sua linha de visão apontaria diretamente para um ponto específico na Torre Nexus, o arranha-céu mais alto do quarteirão, sua fachada espelhada refletindo a lua crescente.

Terceiro: o piso. Concreto polido, coberto por uma fina camada uniforme de pó de construção. E nesse pó, marcas quase imperceptíveis. Não as marcas caóticas de luta, mas padrões geométricos — como se algo com uma base complexa tivesse sido colocado cuidadosamente ao lado da cadeira e depois removido com igual cuidado.

Kael ajoelhou-se, sua lanterna tática cortando a penumbra em um ângulo baixo. As marcas revelavam-se — não pegadas, não arrastões, mas a impressão fraca de um objeto pesado, com padrões que lembravam... símbolos?

"Ele está olhando para algo," Kael murmurou, mais para si mesmo.

Lena seguiu seu olhar. "A Torre Nexus. O trigésimo andar... lembro que estava vago. Uma empresa de tecnologia faliu, deixou o espaço há meses."

"Não está vago agora." Kael apontou. "Veja. Janela do canto sudeste. Está piscando."

Ela olhou. A princípio, nada. Então viu — uma luz branca brilhante, piscando não aleatoriamente, mas com um ritmo deliberado. Curto, longo, curto. Pausa. Longo, longo, longo. Pausa. Curto, longo, curto.

"Código Morse," ela identificou.

Eles ficaram parados, dois espectadores de um teatro macabro, enquanto a janela distante conversava através do canyon urbano. A mensagem repetia-se, uma litania luminosa no escuro.

"R. O. R," Lena decifrou, sua testa franzindo. "ROR? Isso significa alguma coisa? Sigla de alguma empresa? Alguém chamado Ror?"

Kael não respondeu imediatamente. Seu cérebro já estava trabalhando, conectando pontos com a velocidade que às vezes o assustava. ROR. Não uma palavra. Uma referência. Rumo em navegação. Rhumb line. A linha que mantém um ângulo constante com os meridianos — o caminho mais direto entre dois pontos em uma esfera. Uma seta.

Ele se virou, seus olhos escaneando a sala novamente. A equipe de perícia começava seu trabalho meticuloso — fotografando cada centímetro, varrendo o piso em busca de evidências, tomando notas em vozes baixas que ecoavam estranhamente no silêncio.

Foi quando seu pé esbarrou em algo.

Pequeno. Metálico. Rolou alguns centímetros com um som seco antes de parar contra o rodapé.

Com uma pinça de seu kit de perícia portátil — ele nunca entrava em uma cena sem ele — Kael pegou o objeto. Era um disco, do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos, mas mais espesso, talvez meio centímetro. Feito de um metal escuro e polido que parecia não refletir a luz, mas absorvê-la, como um pequeno buraco negro em sua palma.

Ele inclinou-o sob a luz de sua lanterna. Em uma das faces, gravado com uma precisão que falava de ferramentas de alta qualidade, estava um símbolo: três círculos interconectados, seus perímetros se sobrepondo para criar um espaço triangular vazio no centro.

O sangue de Kael esfriou tão abruptamente que ele quase soltou o disco.

Ele conhecia aquele símbolo.

Não de arquivos de casos, não de livros, não de qualquer fonte profissional. Conhecia-o das memórias embaçadas da infância,

daquelas horas tardias no escritório de seu pai, quando pensava que Kael estava dormindo. Conhecia-o do cheiro de papel velho e grafite, do som da caneta de seu pai raspando em cadernos de anotações. Conhecia-o da noite que mudou tudo — a tempestade, os papéis queimando na lareira, a carta inacabada na mesa, e na parte de trás, desenhado à mão com linhas trêmulas, aquele mesmo símbolo.

"Kael?" A voz de Lena o trouxe de volta. Ela estava olhando para ele, seus olhos castanhos escuros — normalmente impenetráveis — agora cheios de uma preocupação que ele raramente via. "O que é isso? Você ficou pálido."

"Uma assinatura," ele respondeu, sua voz soando rouca em seus próprios ouvidos. "Ou talvez um cartão de visita."

Ele colocou o disco em um saco plástico para evidências, notando algo peculiar: o metal estava frio. Não frio ambiente, mas frio como se tivesse vindo de um freezer. E permanecia frio, não aquecendo em sua mão como deveria.

"Precisamos verificar isso no laboratório," Lena disse, anotando em seu bloco. "Metal incomum. E o símbolo..."

"Já vi antes," Kael interrompeu, mais bruscamente do que pretendia. Ele se virou, olhando para o corpo perfeitamente posicionado. "Isso não é sobre dinheiro, não é sobre vingança pessoal, não é sobre qualquer motivo comum."

"Então sobre o quê?"

Kael estava prestes a responder quando o rádio em seu cinto — não o rádio padrão do departamento, mas um canal criptografado especial que apenas ele, Lena e o capitão Donovan conheciam — estalou com um ruído de estática que parecia anormalmente alto no silêncio da sala.

Uma voz saiu do aparelho, mas era como nenhuma voz humana que ele já ouvira. Digitalizada, plana, sem inflexão emocional, como se gerada por um sintetizador de fala dos anos 80 que tivesse esquecido como soar natural.

"O ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão, Detetive Rennick."

Uma pausa carregada de estática que parecia durar uma eternidade.

"A primeira linha foi traçada. Boa sorte."

A transmissão cortou abruptamente.

Lena olhou para ele, e pela primeira vez desde que se tornaram parceiros, Kael viu genuíno medo em seus olhos.

"Como?" ela sussurrou. "Como alguém tem acesso a esse canal? E o que diabos essa mensagem significa?"

Kael não respondeu imediatamente. Sua mão foi instintivamente ao bolso interno de seu casaco, onde um segundo disco — idêntico em tamanho e material, mas desgastado nas bordas por anos de manipulação ansiosa — repousava em um compartimento oculto. Ele não precisava tocá-lo para saber que estava lá; sua presença era como um peso familiar, um companheiro sombrio que carregava há quinze anos.

"Significa," ele disse finalmente, sua voz mais controlada agora, "que estamos lidando com alguém que não apenas conhece procedimentos policiais, mas especificamente me conhece. Minhas especialidades. Meus... interesses."

Ele olhou para a janela, para a luz que ainda piscava na Torre Nexus.

"E significa que isso não é o fim de algo. É o começo."

Lena estudou seu rosto, e Kael sabia que ela estava vendo mais do que ele gostaria. Ela conhecia suas obsessões, sua história, o desaparecimento de seu pai que nunca fora resolvido.

"O símbolo no disco," ela disse lentamente. "Está conectado ao seu pai, não está?"

Kael não confirmou nem negou. Em vez disso, apontou para o corpo.

"Vamos nos concentrar no que temos. Homem de meia-idade, rico, morto com precisão cirúrgica, posicionado com significado geométrico, deixando uma mensagem de luz e um símbolo enigmático." Ele fechou os olhos por um momento, processando. "O Geômetra. É assim que ele se chama."

"Geômetra? Como você sabe?"

"Porque apenas um geômetra pensaria assim. Apenas alguém obcecado por formas, ângulos, padrões criaria algo assim." Kael abriu os olhos, e Lena viu neles aquele brilho que significava que a máquina analítica estava funcionando em plena capacidade. "E ele está nos dizendo que há mais por vir. Um triângulo precisa de três vértices. Esta é apenas o primeiro."

Eles saíram do loft, deixando a equipe de perícia continuando seu trabalho meticuloso. Na rua, a noite estava fria e clara, as estrelas ofuscadas pelas luzes da cidade. Kael olhou para cima, para a janela que ainda piscava na Torre Nexus.

"Precisamos chegar àquele andar," ele disse. "Agora."

"Já enviei uma equipe," Lena informou. "Mas Kael... essa mensagem do rádio. A voz digitalizada. Isso é tecnologia de ponta, não amadorismo."

"Eu sei." Kael entrou no carro, o disco no saco plástico pesando em sua mão como muito mais que alguns gramas de metal. "E é pessoal. 'Ângulo de incidência igual ao ângulo de reflexão' — é a primeira lei da reflexão. Basicamente: o que você faz volta para você. É uma mensagem, um aviso."

"Ou uma ameaça."

"Ou ambas." Kael olhou para o disco através do plástico. O símbolo dos três círculos parecia olhar de volta para ele, um enigma silencioso que ecoava através dos anos. "Ele sabe sobre meu pai. Sobre meu interesse por padrões. Isso não é coincidência."

O carro começou a se mover, afastando-se do prédio. Kael olhou pela janela traseira, para o loft iluminado no vigésimo andar. Na escuridão, com as luzes da perícia brilhando através das janelas, ele podia quase ver a silhueta da cadeira, do corpo, do triângulo imaginário que começava a se formar.

E em algum lugar na cidade, ele sabia, o Geômetra observava. Não com os olhos de um assassino comum, mas com a precisão fria de um matemático resolvendo um problema. Traçando linhas. Calculando ângulos.

Construindo algo.

E Kael Rennick, com o disco de seu pai queimando em seu bolso e o eco da lei da reflexão em seus ouvidos, sabia que estava sendo medido. Testado.

Desafiado a resolver uma equação escrita não em papel, mas em sangue e geometria.

E o que mais o assustava não era o crime em si, mas a crescente certeza de que, para resolvê-lo, ele teria que mergulhar nas mesmas obsessões que consumiram seu pai.

Nas mesmas linhas tortuosas entre ordem e loucura.

Nas mesmas geometrias do silêncio que agora ecoavam através dos anos, tão claras e perfeitas quanto o orifício no peito de um homem morto.

E tão mortais.

CAPÍTULO 2: A SOMBRA DO PASSADO

A chuva voltara enquanto estavam no loft, transformando-se em uma garoa persistente que pingava das calhas do DPM com um ritmo irregular que, Kael notou automaticamente, seguia um padrão quase fractal. Gotas grandes, espaçadas, seguidas por aguaceiros rápidos, depois pausa. Era o tipo de detalhe que seu cérebro registrava mesmo

quando ele tentava não registrá-lo — uma maldição, seu pai costumava chamar, ou um dom, dependendo do humor.

Sua sala no quarto andar do Departamento de Polícia Metropolitana era menos um escritório e mais uma extensão de sua mente: mapas da cidade cobriam as paredes, marcados com linhas coloridas que traçavam padrões de criminalidade, rotas de fuga, pontos cegos de câmeras. Pilhas de arquivos formavam torres precárias em cada superfície plana. No centro, em uma mesa de aço inoxidável que ele mantinha deliberadamente limpa, os dois discos repousavam lado a lado sob a luz fria de uma lâmpada de mesa.

O novo disco — brilhante, preciso, com o símbolo gravado como se feito por máquina — e o velho — desgastado nas bordas, o metal polido pelo toque de dedos ansiosos ao longo dos anos, o mesmo símbolo, mas menos definido, como se tivesse sido feito à mão.

A porta abriu-se sem batidas. Lena entrou carregando duas canecas de café e uma pasta grossa sob o braço. Ela colocou uma caneca na frente dele — preta, sem açúcar — e abriu a pasta.

"Silas Montgomery Thorne," ela começou, espalhando fotografias e documentos sobre a mesa. "Nascido em 15 de março de 1975, filho único de Arthur e Margaret Thorne, dinheiro antigo, educação em escolas de elite. MBA em Harvard aos vinte e três. Casado com Eleanor Thorne, nascida van der Waal, herdeira de uma fortuna farmacêutica. Uma filha, Beatrice, estudando artes em Paris."

Kael pegou uma fotografia. Thorne em um evento beneficente, sorrindo, mas os olhos não sorriam. Eram olhos de calculista, avaliando ângulos mesmo em uma festa.

"Vida pessoal aparentemente tranquila," Lena continuou. "Sem amantes conhecidos, sem vícios públicos. Colecionava relógios de precisão suíços e... isso é interessante... instrumentos de medição antigos. Sextantes, bússolas, teodolitos."

"Um homem que gostava de medir coisas," Kael murmurou.

"Exato. CEO da Axioma Logics há doze anos." Lena folheou algumas páginas. "Aqui está o que é realmente interessante. A Axioma não faz consultoria comum. Eles especializam-se em 'otimização de sistemas complexos'. Redesenho de trânsito urbano, fluxo de distribuição de energia, padrões de logística."

Kael ergueu os olhos. "Sistemas. Padrões."

"Sim. E seu projeto mais recente — concluído há seis meses — foi uma reestruturação completa do sistema de trânsito da cidade. Aquele que reduziu os tempos de deslocamento em vinte e três por cento."

"Um sucesso," Kael observou.

"Um sucesso controverso." Lena empurrou um relatório de jornal em sua direção. "Doze bairros periféricos viram aumento nos tempos de deslocamento. As críticas chamaram de 'otimização para os ricos'. Thorne defendeu dizendo que era 'eficiência pura'."

Kael estudou o rosto de Thorne novamente. O sorriso profissional, os olhos calculistas. "Alguém que não gostou de sua eficiência? Ou que gostou demais?"

"Ou ambos." Lena apontou para outra página. "A Torre Nexus, onde a luz piscava. Pertence a uma holding fantasma chamada Geometria Holdings. O aluguel é pago automaticamente de uma conta nas Ilhas Cayman. A polícia do edifício verificou: o cartão mestre para o trigésimo andar foi usado às 3h47 desta manhã."

"Quarenta minutos antes da chamada anônima que reportou o corpo," Kael calculou mentalmente. "E a luz?"

"Timer inteligente. Configurado para começar a piscar exatamente às 5h17, parar às 6h03."

"5h17." Kael escreveu o horário em seu bloco de notas. "Um horário específico. Por quê?"

"Pôr do sol não é, nascer do sol não é... talvez seja significativo apenas para ele."

Kael não achava. Para um geômetra, cada número, cada ângulo, cada momento teria significado. 5h17 poderia ser uma coordenada, um ângulo, uma referência a um sistema de medição.

Ele levantou-se e foi até um dos muitos quadros-negros que cobriam suas paredes. Este tinha um mapa detalhado da cidade, com marcadores coloridos representando crimes não resolvidos de natureza... peculiar. Com um giz vermelho, ele marcou um X no local do loft.

"Primeiro ponto," ele disse. "Silas Thorne, morto em seu escritório pessoal no distrito financeiro. Morto com precisão cirúrgica, posicionado com precisão geométrica, deixando uma mensagem de luz e um símbolo enigmático."

Ele se virou para Lena. "Você acessou os arquivos que eu pedi? Casos similares?"

Ela assentiu, abrindo outra pasta. "Nos últimos vinte anos, encontrei três que podem estar relacionados."

"Mostre-me."

"Primeiro: 2004. Marcus Holloway, professor de matemática da Universidade Estadual. Encontrado morto em sua sala, sentado em sua cadeira, com um único tiro no peito. Na lousa atrás dele, alguém desenhara um diagrama complexo de geometria não euclidiana. O caso nunca foi resolvido."

Kael anotou. "Continue."

"Segundo: 2011. Dra. Isabelle Vance, física teórica. Encontrada em seu laboratório, mesma configuração. Tiro único, posição sentada. Nas paredes ao redor, equações da teoria das cordas escritas com seu próprio sangue. Também não resolvido."

"E o terceiro?"

Lena respirou fundo. "2015. Seu pai, Alistair Rennick. Desaparecido. Nunca encontrado. Mas em seu escritório, na mesa..." Ela não precisou terminar.

"O mesmo símbolo," Kael completou, sua voz quase inaudível. "Três círculos interconectados."

"Kael," Lena começou, sua voz suave. "Você nunca me contou muito sobre o desaparecimento de seu pai. Mas se isso está conectado..."

"Está," ele interrompeu. "Eu só não sei como ainda."

Ele voltou à sua mesa e abriu a gaveta inferior, trancada. De dentro, retirou uma caixa de metal desgastada, do tamanho de uma caixa de sapatos. Dentro, protegidas por plástico bolha, estavam as poucas coisas que restaram de seu pai após seu desaparecimento: cartas, fotografias, e um caderno de anotações cujas páginas estavam cobertas com diagramas geométricos, equações e rabiscos que pareciam delírios de um homem à beira da descoberta ou da loucura.

"Meu pai era um matemático," Kael disse, folheando as páginas frágeis com cuidado reverencial. "Mas não do tipo acadêmico. Ele trabalhava para o governo, em projetos classificados. Sistemas de criptografia, análise de padrões, algo sobre 'geometria aplicada à segurança nacional'."

Lena sentou-se na cadeira em frente à mesa. "Ele nunca falou sobre o trabalho?"

"Nunca. Mas nos últimos meses antes de desaparecer... ele mudou." Kael encontrou uma página específica, mostrando-a a Lena. Nela, seu pai desenhara o símbolo dos três círculos repetidamente, cada vez menor, criando um padrão fractal. Ao lado, em sua letra apertada: *"A chave está na interseção. Sempre na interseção. Eles não sabem que eu sei. Mas logo saberão."*

"Quem são 'eles'?" Lena perguntou.

"Eu nunca soube. A polícia na época considerou que ele estava tendo um colapso mental. Descartaram a possibilidade de crime. Arquivaram como um provável suicídio, embora o corpo nunca tenha sido encontrado." Kael fechou o caderno, seu rosto uma máscara de dor contida. "Mas eu sempre soube que era mais do que isso. As notas dele... ele estava descobrindo algo. Algo que assustou alguém."

"E agora este símbolo volta," Lena observou. "No disco ao lado do corpo de Thorne."

Kael alinhou os dois discos novamente. "Não é coincidência. O assassino — o Geômetra — está me enviando uma mensagem. Ele sabe sobre meu pai. Sobre minha conexão com isso."

"Mas qual é 'isso'?"

Kael olhou para os diagramas nas paredes, para os mapas, para os arquivos. "Uma sociedade? Um culto? Alguém que acredita que a geometria pode ser usada para... algo. Controle? Poder? Purificação?"

Seu telefone queimador — um aparelho descartável que ele mantinha para fontes ultraconfidenciais — vibrou sobre a mesa. Uma mensagem de texto de um número desconhecido:

O primeiro vértice está estabelecido. O triângulo precisa de três. O segundo vértice será revelado quando a lua atingir o ápice sobre o obelisco. Resolva a equação, detetive. O tempo é a variável que você não controla. - G.

Lena leu a mensagem por cima de seu ombro. "Obelisco? Só há um obelisco na cidade. No Memorial Park."

Kael já estava de pé, pegando seu casaco. "A lua atinge o ponto mais alto no céu — o zênite — por volta da meia-noite. Precisamos descobrir qual equação ele está falando."

"E o 'G'?" Lena perguntou, seguindo-o. "Geômetra?"

Kael parou na porta, seu rosto uma máscara de concentração sombria.

"Geômetra," ele confirmou. "O assassino se chama Geômetra."

Enquanto desciam as escadas, Kael sentiu o peso dos discos em seu bolso, o novo e o velho, como dois lados da mesma moeda enigmática. O Geômetra não estava apenas matando. Estava construindo algo. Um padrão. E Kael estava sendo forçado a segui-lo, vértice por vértice.

Na garagem, enquanto entravam no carro não identificado, Lena quebrou o silêncio. "E se for uma armadilha? Se ele só quiser nos tirar daqui enquanto comete outro crime?"

"É possível," Kael admitiu, ligando o motor. "Mas a mensagem é muito específica. 'Quando a lua atingir o ápice sobre o obelisco'. Isso é astronomia aplicada. Geometria celeste. Ele quer que resolvamos algo."

"Resolva o quê?"

"Uma equação." Kael saiu da garagem, a chuva batendo no para-brisa. "Mas não uma equação comum. Algo que mistura localização, tempo, geometria."

Enquanto dirigiam em direção ao Memorial Park, a cidade passava pelas janelas em um borrão de luzes úmidas. Kael sentiu a familiar sensação de um quebra-cabeça começando a se formar em sua mente. Peças flutuando, procurando conexões. Thorne e sua obsessão por medição. A mensagem de luz na Torre Nexus. O símbolo dos três círculos. Seu pai desaparecido.

E agora um triângulo a ser completado.

"Lena," ele disse, sua voz pensativa. "Você acessou os registros da construção da Torre Nexus?"

"Sim. Por quê?"

"Quem foi o arquiteto?"

Ela consultou seu tablet. "Desmond Frost. Morreu em 2010. Acerte... câncer."

"E o obelisco no Memorial Park?"

"Encomendado por um magnata da era dourada, Alistair Blackwood. Erguido em 1921." Ela olhou para Kael. "Você acha que há uma conexão?"

"Tudo está conectado," Kael murmurou. "Sempre está. Só precisamos ver como."

O Memorial Park à meia-noite era um lugar de sombras alongadas e silêncio profundo. Kael estacionou o carro a dois quarteirões de distância e eles prosseguiram a pé, mantendo-se nas sombras.

O obelisco erguia-se no centro do parque, uma agulha de granito de trinta metros apontando para o céu nublado. A lua, quase cheia, lutava para penetrar as nuvens, lançando uma luz leitosa e difusa.

"Meia-noite e quatro minutos," Lena sussurrou, verificando seu relógio. "Se a mensagem era precisa, deveria acontecer agora."

Nada.

Apenas o vento noturno sibilando através das árvores. Kael sentiu uma pontada de frustração. Talvez tivessem interpretado mal. Talvez fosse uma distração.

Então ele viu.

Não era a sombra do obelisco que se movia — era a luz. Uma única janela no edifício de apartamentos de luxo que dominava a borda sul do parque acendeu-se. A mesma luz branco-azulada, piscando no mesmo ritmo. R.O.R.

"É um eco," Kael percebeu. "Ele está repetindo a mensagem."

"Mas por quê?" Lena perguntou. "E por que aqui?"

Kael estudou a cena. A sombra do obelisco, projetada pela fraca luz lunar, estendia-se como uma lança escura através do gramado. E conforme a lua continuava sua trajetória, aquela sombra lentamente se alinhava... não com o Círculo de Pedras do Solstício, como ele inicialmente suspeitara, mas com um banco de parque discreto, quase escondido entre um maciço de rododendros.

"Lá," ele apontou.

Eles se moveram silenciosamente. O banco era de ferro fundido, ornamentado com padrões de videira. Sobre ele, deixado cuidadosamente no centro do assento, havia um prisma de cristal perfeitamente facetado. Preso a ele com um fio de náilon fino, um cartão de visita branco.

Kael pegou o cartão com pinças. A caligrafia era precisa, angular, feita com tinta preta:

"Detetive Rennick. Você seguiu a linha. Mas você entende o que ela conecta? O primeiro vértice era o poder financeiro. O segundo vértice é o poder judicial. O terceiro completará o triângulo. Procure onde o poder se esconde atrás de mármore e tradição. E lembre-se: cada linha tem dois sentidos."

Lena estava ao seu lado, sua arma agora desembainhada, seus olhos varrendo os arbustos ao redor. "Judicial? O Tribunal de Justiça?"

"O edifício principal fica a exatamente 2,3 quilômetros do loft de Thorne, em linha reta," Kael respondeu automaticamente.

"Como você sabe isso?"

"Porque eu meço tudo, Lena," ele disse, sua voz cansada. "É uma maldição. Eu vejo distâncias, ângulos, proporções. Sempre vi."

Ele olhou para o prisma em sua mão. A luz fraca se partia nele, lançando fragmentos de arco-íris sobre o cartão. Ferramentas de um geômetra.

"Ele está nos dando as peças," Kael continuou. "Mas não nos dizendo como montá-las. O triângulo... Thorne era um vértice. O próximo será alguém do sistema judicial. Mas quem? E quando?"

O rádio de Lena estalou. A voz do capitão Donovan era áspera, tensa: "Cross, Rennick, retornem imediatamente. Temos outro."

Kael sentiu seu estômago se contrair. "Outro quê? Outro corpo?"

"Pior," Donovan respondeu. "Um refém."

O apartamento ficava no décimo oitavo andar do edifício com a janela piscante. Quando Kael e Lena chegaram, a cena já estava isolada, mas era radicalmente diferente da do loft. Aqui havia caos — móveis revirados, um vaso quebrado no chão, manchas no carpete.

E no centro da sala de estar, amarrada a uma cadeira de jantar, estava uma mulher de meia-idade com os olhos vendados e uma fita adesiva sobre a boca. Juíza Eleanor Vance, do Tribunal de Apelações. Ela estava viva, mas tremia violentamente.

Enquanto uma paramédica a atendia, Kael examinou a cena. Diferente do loft, aqui havia sinais de luta — mas apenas até certo ponto. Parecia encenado. Calculado.

"Ele... ele me disse para dar uma mensagem," a juíza Vance engasgou quando a fita foi removida.

"Quem, juíza?" Kael perguntou, ajoelhando-se.

"Um homem. Máscara branca, lisa. A voz era... digitalizada. Ele disse: 'Diga ao detetive Rennick que a linha entre os pontos não é reta. É uma curva. E todas as curvas eventualmente se encontram.'"

Kael trocou um olhar com Lena. O Geômetra estava brincando com eles.

"Ele deixou algo?" Kael pressionou.

Ela apontou para a mesa de centro. "Ali. Disse que era para você."

Sobre a mesa, envolto em veludo preto, outro disco metálico. Desta vez, com um triângulo equilátero gravado e o numeral II.

Kael pegou-o. O metal estava morno, quase quente. Como se tivesse sido segurado recentemente.

Enquanto conduziam a juíza para fora, Kael parou na varanda. A vista era impressionante — ele podia ver o obelisco no parque abaixo, e

além, o prédio onde Thorne fora morto. Três pontos formando um triângulo.

Mas algo não se encaixava.

"Lena," ele chamou. "O prisma no parque. Foi deixado para nós encontrarmos. Mas este disco foi deixado com a vítima. Por que a diferença?"

"Talvez porque a juíza está viva," Lena sugeriu. "Thorne estava morto, então a mensagem teve que ser deixada na cena."

"Mas por que deixá-la viva?"

A resposta veio antes que pudessem especular. O telefone queimador de Kael vibrou:

A vida e a morte são apenas estados diferentes no continuum. Thorne foi removido porque sua função estava corrompida. Vance foi poupada porque sua função pode ainda ser corrigida. Você começa a ver, Detetive? Não estou matando pessoas. Estou editando funções. O terceiro vértice será a síntese. Procure onde poder financeiro e judicial se encontram. Procure a interseção. - G.

Kael mostrou a mensagem a Lena. "A interseção. Onde dinheiro e lei se encontram."

"O Procurador-Geral," ela percebeu. "Michael Argus. Ele está supervisionando o inquérito sobre fraudes bancárias que envolve a Axioma Logics."

Kael já estava se movendo. "Precisamos chegar até ele. Agora."

Mas era tarde demais.

Enquanto desciam as escadas, a chamada chegou. Michael Argus, Procurador-Geral Adjunto, fora encontrado em seu escritório no Fórum da Justiça.

Morto. Sentado em sua cadeira. Tiro único no peito.

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br